

# ARQUEOLOGIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ANTIGO ENGENHO PAUL (JOÃO PESSOA - PB)<sup>1</sup>

Antonio Carlos de Lima Canto<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo sistematizar as informações recuperadas das pesquisas arqueológicas realizadas no Antigo Engenho Paul. Caracterizado como um dos últimos remanescentes de unidades produtivas de atividades agro-industriais para o fabrico do melaço (rapadura) e aguardente da cidade de João Pessoa, o referido engenho (unidade de produção do século XIX) passou por intervenções arqueológicas, subsidiadas pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI) / Oficina-Escola de João Pessoa e desenvolvidas sob a coordenação permanente do arqueólogo autor deste artigo.

Em função da importância das referidas pesquisas, foi encaminhada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) uma solicitação de tombamento. O processo foi aprovado, por unanimidade, pelo Conselho de Proteção dos Bens Históricos e Culturais (CONPEC) e o seu tombamento foi homologado no Diário Oficial do Estado da Paraíba em 17 de fevereiro de 2005.

Ainda, em reconhecimento às pesquisas arqueológicas realizadas neste Antigo Engenho, o Departamento do Patrimônio Material e Fiscalização (DEPAM) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/DF) resolve incluir, oficialmente, em agosto de 2005, o Antigo Engenho Paul no seu Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), disponibilizando no site <<http://www.iphan.gov.br>>, as informações mais relevantes obtidas dos trabalhos de arqueologia neste Antigo Engenho.

O desenvolvimento de uma pesquisa de arqueologia neste Antigo Engenho pautou-se na promoção permanente de atividades de Educação Patrimonial e no trabalho de conscientização da importância de uma perícia arqueológica durante uma obra de Restauração, fornecendo informações consistentes a pesquisadores, estudantes e turistas que buscam um conhecimento aprofundado relativo à história e à cultura da Cidade de João Pessoa.

Decorridos 02 anos de atividades ininterruptas de pesquisas arqueológicas, 42 alunos-bolsistas da Oficina-Escola de João Pessoa passaram pela Oficina de Arqueologia durante as obras de restauração, constatando a perfeita sincronia da arqueologia nos trabalhos de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático "Análises e Reflexões sobre a América Portuguesa", durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>2</sup> Arqueólogo do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas e Sociais (NUPAS). E-Mail: <[antonio.canto@oi.com.br](mailto:antonio.canto@oi.com.br)>.

intervenção dos sítios históricos, sobretudo quando os agentes multiplicadores são jovens secundaristas, carentes, desenvolvendo ofícios voltados ao Patrimônio da sua cidade.

A proposta de intervenção da Oficina-Escola de João Pessoa no bangüê (fábrica) deste Antigo Engenho decorre em função de um trabalho criterioso de restauração e do salvamento das evidências materiais que comprovam as atividades cotidianas do “sítio” Paul, ao longo do século XIX, possibilitando um estudo interpretativo da sua ocupação e da sua reconstituição espacial, sugerindo uma série de reflexões e uma abordagem mais complexa das relações de poder na sociedade paraibana escravista.

Considerando que o bangüê do Antigo Engenho Paul dará vez a implantação do Teatro Piollin, buscamos levantar, com os trabalhos de arqueologia, indícios estruturais e de cultura material que pudessem atestar remanescentes das primeiras edificações do engenho, já que percebemos neste trabalho que as características primitivas do edifício em estudo, passou por alterações e foram ocultadas pela configuração de uso da fábrica do engenho durante o século XIX.

A pesquisa arqueológica voltou-se primordialmente para o bangüê do Engenho. Entretanto, foram realizadas prospecções arqueológicas em diversos pontos da propriedade, a fim de localizar, tanto os remanescentes arquitetônicos contemporâneos ao período de produção do Engenho como as áreas de despejo da tralha doméstica associada à vida social dessa unidade de produção.

A quantidade significativa do material recuperado das escavações permitiu reconstituir, os padrões de comportamento adotados pelos grupos ocupantes do Engenho acerca de 150 anos, assim como entender a ocorrência de antigas estruturas abandonadas que foram aterradas e deram vez ao bangüê do referido engenho.

Com esta proposta de pesquisa, a equipe de arqueologia da Oficina-Escola de João Pessoa (Oficina de Arqueologia) vem tentando identificar, além dos hábitos e costumes sociais (vestuário, mobiliário, utensílios domésticos), informações que comprovem as atividades mais comuns de uma unidade de produção desta categoria. Neste sentido, foram evidenciados além da tralha doméstica, algumas estruturas associadas aos sistemas construtivos, às fornalhas, chaminé, vestígios de artefatos de madeira e ferro como prensas, rodas dentadas, dentre outros objetos.

No âmbito dos trabalhos de campo, a metodologia utilizada nesta pesquisa concentra-se na ocorrência das estruturas arquitetônicas e vestígios que apontem simetrias recorrentes, a fim de buscar elementos arqueológicos para a sua validação.

Visando atingir tal objetivo, as prospecções arqueológicas vêm sendo orientadas no sentido de se obter controle dos dados mais evidentes que se referem ao período de funcionamento do Engenho.

Com esta proposta de pesquisa, tenta-se identificar informações que comprovem as atividades mais comuns de um engenho como: a presença de pequenas estruturas arquitetônicas arredondadas, características dos fornos do bangüê; a ocorrência de 02 níveis de superfícies distintas (que geralmente variam entre 1m e 1,5m), muito comum nos engenhos de açúcar; vestígios de sistemas hidráulicos (calhas de alvenaria de pedra ou tijolo utilizados para conduzir água) que podem ter pertencido a engenhos movidos a roda d'água; vestígios de artefatos de madeira como prensas, fusos, rodas dentadas e outros objetos que também podem ser indicadores das atividades sistemáticas de um engenho.

## **ÁREA DA PESQUISA**

O complexo arquitetônico remanescente do Engenho Paul apresenta como distribuição espacial apenas uma Casa Grande (estilo Bungalow), típica do século XIX, e um Bangüê (área em que estamos trabalhando). Soma-se ao referido complexo alguns anexos (instalações auxiliares) construídos na década de 80 para comportar atividades artísticas da Escola Piollin (salas de aula, galpões).

Registrado por Joaquim Moreira Lima, desde 1856, o sítio Paul posiciona-se numa área estratégica da cidade de João Pessoa para a implantação de um engenho de litoral.

Situado numa área não muito afetada pela expansão urbana durante o século XIX, tendo em vista que a capital crescia no sentido do seu núcleo comercial (cidade baixa), o Engenho Paul foi ampliado com a incorporação do "sítio do Quebra" (Fazenda Simões Lopes), também de propriedade do Sr. Joaquim Moreira Lima, em meados do século XIX.

Pesquisas históricas realizadas pela Oficina de Arqueologia (2003), coordenada pelo autor do presente artigo, revelaram que até o ano de 1922, a propriedade rural "Paul", da qual fazia parte também o sítio "Quebra-cú", era composta de uma Casa de vivenda (Casa Grande), engenho com moenda, casa de fazer farinha com todos os seus utensílios, pedreiras, caieiras, estábulo, cercado de gado, águas (rios/córregos), servidões (escravos) e grandes terrenos para agricultura, contendo ainda casas de moradores, rendeiros e foreiros.

Com a transferência gratuita da área do imóvel (sítio Paul) feita pelo Governo da União ao Estado da Paraíba, através do Decreto-Lei nº 3723, de 16 de outubro de 1941, registra-se ainda no aludido espaço, em 1942, as seguintes características: uma casa de alvenaria de tijolo coberta de telhas (Casa Grande), um vasto galpão para depósito de máquinas, um estábulo, cercado para gado, uma estrumeira, uma pequena estufa para secagem de fumo, águas, servidões, pedreiras, caieiras, cerca de 300 coqueiros, 02 pequenos pomares de laranjeiras e mangueiras, e grandes áreas de terrenos para agricultura.

Em entrevistas periódicas que realizamos com os descendentes da família do senhor de engenho Henrique Maul da Silva (proprietário do Engenho entre 1890 e 1919) e a partir de prospecções arqueológicas desenvolvidas pela Oficina de Arqueologia (2002/2003), confirmou-se a presença (vestígios) de uma Senzala (que foi derrubada na primeira metade do século XX), neste conjunto arquitetônico do século XIX.

Pela sua proximidade ao sítio “Bica do Tambiá” (atual Parque Arruda Câmara), supõe-se que na área circundante ao Engenho Paul, em fins do século XVIII e durante o século XIX, existira uma rebuscada área verde, com passeios, lagos, matas e diversos espelhos d’água, ou seja, um vale bastante arborizado com várias nascentes e várzeas.

Recompondo o seu contexto local, a partir dos primeiros dados da pesquisa arqueológica (análises geoarqueológicas), percebeu-se sedimentos característicos de vales (rios, córregos, lagos), o que conseqüentemente redundava em terras férteis e com muita água. Tal configuração é concordante com as áreas de implantação dos demais engenhos brasileiros.

A palavra “Paul” (Do latim *Padule* por *palude*) pode ser definida como brejo; terreno alagadiço; pântano. A declividade acentuada do espaço de implantação do Engenho Paul, em que a Casa Grande encontra-se numa posição mais elevada em relação aos demais compartimentos da propriedade, certamente, nas épocas de chuvas intensas deveria formar uma planície alagada, fator que pode ter gerado o nome do engenho.

## **DINÂMICA DE OCUPAÇÃO DO ENGENHO PAUL (1856/2003)**

### **1856**

No dia 20 de maio de 1856 o sítio de terras denominado Paul, situado no bairro Tambiá, é registrado pelo Sr. Joaquim Moreira Lima. Neste registro, não foram declaradas as “braças” em suas confrontações, por não terem sido medidas até a data do registro do imóvel.

### **1890**

O 2º proprietário, Sr. Euzébio Coelho, transfere o “sítio” Paul ao Sr. Henrique Maul da Silva e a sua esposa Sra. Francisca Maul de Deus e Costa (3º proprietários), que ficam a frente da propriedade até a primeira metade do século XX, período de derrubada da Senzala do Engenho.

### **1919**

A propriedade é comprada pelo Sr. Antonio Caetano Gomes de Almeida no dia 23/08/1919. Com a sua morte, a Sra. Balbina Varandas de Almeida (sua esposa) vende o imóvel, em 1922, à Fazenda Nacional.

### **1922**

a) Instala-se a sede da Inspetoria Agrícola do 7º Distrito. Neste espaço desenvolviam-se pesquisas agrícolas.

b) Em 30/12/1922, consta na Cidade da Paraíba do Norte, a escritura de compra e venda da propriedade denominada "Paul" no valor de 100:000\$00 (Cem contos de réis).

**1935**

Em 14/09/1935 a propriedade "Paul" passa a ser denominada "Simões Lopes", cujo registro atende ao número 2723 no Cartório Pedro Ulysses.

**1937**

O livro 6 de Indicador Real apresenta que a propriedade "Paul"/"Simões Lopes" (do Governo da União) não consta, até 1937, de nenhuma averbação de suas características, metragens, limites e confrontações. Constata-se apenas um terreno localizado na "Fazenda Simões Lopes" de propriedade do Sr. José da Silva.

**1941**

Através do Decreto-Lei nº 3723, de 16 de outubro de 1941, o Governo da União transfere gratuitamente ao Estado da Paraíba o imóvel denominado "Fazenda Simões Lopes, com área de 631.678, 26m<sup>2</sup>, para o fim específico da instalação de um Instituto Agrícola Profissional.

**1965**

Decorridos 24 anos de domínio pleno e útil, o Governo do Estado da Paraíba não instalou, como lhe cumpria, o referido Instituto. Deram as terras e instalações do imóvel, atividades diversas, alheias ao ensino profissional agrícola, totalmente estranhas aos fins que motivaram a sua transferência. A área remanescente de 102.518,46m<sup>2</sup> encontrava-se sob jurisdição do Serviço do Patrimônio da União para ser utilizada em regime de aforamento.

**1966**

Em 18/04/1966 o Ministro da Fazenda autorizou a entrega do terreno, com 631.678, 26m<sup>2</sup>, ao Ministério da Agricultura.

**1967**

O IPASE requereu a doação da área de 631.678, 26m<sup>2</sup>, parte da "Fazenda Simões Lopes" para a construção de conjuntos residenciais, sendo negada a sua solicitação pelo Serviço do Patrimônio da União.

**1971**

O secretário da Agricultura, Indústria e Comércio solicita ao Ministério da Agricultura a base física do Horto Simões Lopes, utilizada pelo Serviço de Moto-Mecanização do referido Ministério.

**1980**

O espaço é cedido à Escola de Teatro Piollin, em regime de comodato, até a presente data.

**1981**

Encerram-se as atividades de seleção de mudas desenvolvidas pela CIDAGRO.

**Primeira Metade da Década de 80**

Com o término da CIDAGRO, instala-se no bangüê do Engenho Paul, uma oficina mecânica.

**2002**

Iniciam-se os trabalhos de restauração e de pesquisa arqueológica desenvolvidos pela Oficina-Escola de Revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa.

**2003**

Continuam os trabalhos de restauração e educação patrimonial realizados pela Oficina-Escola de Revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa. As atividades de educação patrimonial são intensificadas com os achados arqueológicos. Por solicitação da Escola Piollin, o arqueólogo autor deste artigo passou a ministrar, semanalmente durante a obra, aulas para os alunos da referida escola.

**A PESQUISA ARQUEOLÓGICA**

Conforme mencionado anteriormente, o complexo arquitetônico em torno da Casa Grande inclui apenas o bangüê. Situada abaixo de um bloco de salas de aula (Escola Piollin) encontrava-se a antiga Senzala do Engenho Paul.

Prospecções arqueológicas indicaram estruturas de alicerce deste momento de ocupação. Objetos de tortura relacionados aos escravos do engenho como: gargalheiras, tornozeleiras, bolas de ferro (com peso de 2Kg) associadas às correntes que prendiam os pés dos escravos e algumas enxadas que, provavelmente, foram utilizadas nos canaviais do engenho puderam ser recuperados através das pesquisas arqueológicas.

Os trabalhos de arqueologia desenvolvidos no bangüê do Engenho Paul têm revelado estruturas associadas às atividades produtivas e artefatos relacionados aos equipamentos utilizados para a preparação do açúcar, rapadura, cachaça e farinha.

Durante as prospecções arqueológicas evidenciou-se, também, uma outra importante descoberta. Trata-se de uma estrutura em tijoleira a que estamos atribuindo como a base da moenda.

Ressalta-se que a referida estrutura (piso em tijoleira), agregada por uma argamassa de argila em tijolos com dimensão de 0,26m x 0,14m, apresenta uma dimensão de 1,78m x 1,06m, em forma de "T", estando posicionada na área central do galpão, a 0,60m de profundidade e próxima às colunas erguidas em pedra calcária.

ALMEIDA (1994) ao realizar estudo sobre a arquitetura dos engenhos do Brejo paraibano afirma que: "Em geral, dois pares de colunas suportavam as moendeiras, grandes vigas de madeira que atirantavam as tesouras "canga-de-porco", responsáveis pelo vão livre de onze

metros necessário ao giro das almanjarras e que suportavam a ponte, peça que servia de mancal ao eixo vertical ou gigante da bolandeira”.

Embasado na descrição arquitetônica do autor, poderíamos atribuir algumas considerações sobre as colunas em cantaria remanescentes no espaço estudado (bangüê), já que foi observado, na estrutura central de tijolos, a base de uma pequena coluna, independente, agregada à tijoleira.

A primeira consideração seria a de que as colunas em pedra calcária não teriam relação direta com o processo de produção, servindo apenas como suporte de sustentação do espaço; enquanto a segunda hipótese, seria a construção posterior das mesmas, tendo em vista que a tijoleira encontra-se em um nível bastante inferior em relação ao piso atual.

E, a terceira hipótese, é a de que as colunas poderiam servir de apoio à moenda de eixos verticais. Localizamos na parede, entre os pilares E8 e F8 (colunas frontais dos pilares D3 e F3) – situadas entre o espaço em que foi localizada a base da moenda -, vestígios de madeira que podem ter pertencido ao funcionamento da referida moenda.

Os trabalhos de campo tiveram como estratégia, no bangüê, a realização de tradagens em linhas eqüidistantes de 2m, assim como a abertura de poços-teste (0,50m x 0,50m) e trincheiras (1,00m x 5,00m), a fim de demarcar as áreas de maior densidade de material arqueológico. A área de escavação propriamente dita ocorreu em 02 setores diferenciados, atingindo 2,5m de profundidade.

As áreas demarcadas foram resultado da ocorrência de estruturas identificadas a partir dos procedimentos acima mencionados. Constatou-se neste trabalho o local exato da moenda do Engenho (0,60m de profundidade), assim como a existência de 12 colunas de tijolos soterradas sobre o 3º piso de tijoleira (2,5m de profundidade). Amostras desses tijolos foram coletadas e serão encaminhadas para datação por termoluminescência.

Através da escavação arqueológica sistemática no bangüê, foi possível evidenciar algumas estruturas arquitetônicas sob o solo. Tais alicerces, conforme acima supracitado, atingiram 2,5m de profundidade (12 colunas soterradas, sugerindo alguns compartimentos), apresentando diferentes camadas de ocupação e indicativos de reformas e alterações naquela parte do prédio, o que nos leva a supor que o Engenho possa ser muito mais antigo do que o seu registro cartorial (1856).

Destas prospecções evidenciou-se ainda, a 0,96m da camada superficial, um piso em tijoleira queimada (com peças em tamanho de 0,26m x 0,12m). Nesta estrutura percebeu-se alguns fragmentos de ferro sobrepostos a tijolos que pareciam servir de espelhos de sustentação, sugerindo um fogão de chão (típico de engenho de farinha).

Das prospecções de parede, identificamos importantes estruturas relacionadas às atividades de produção de um engenho de açúcar. Foram revelados 02 orifícios (contendo vestígios de queima) e uma coluna de fuligem (chaminé).

O primeiro orifício, situado a 1m da superfície de referência, apresenta diâmetro de 0,50m, contendo conchas em seu interior (algumas delas queimadas) e grânulos de carvão. Por sua localização no bangüê, estamos interpretando este orifício como o duto por onde corria o caldo da cana moída para a casa das caldeiras.

O segundo orifício identificado nas prospecções de parede apresenta-se com abertura voltada para o interior da edificação e tem um diâmetro de 0,30m. Apresenta também estrutura voltada para o exterior em retângulo de 0,63m x 1,74m, numa profundidade de 0,30m do piso inferior, ou seja, 2,5 da camada superficial. O retângulo exterior está associado a uma coluna de fuligem com 1,89m x 0,23m. Trata-se de um arranjo típico de boca de fornalha com chaminé.

Tradagens, poços-teste e trincheiras sistemáticas também foram realizadas na área circundante à Casa Grande revelando estruturas / fundações de uma residência de pequeno porte (provavelmente pertencente aos trabalhadores do engenho), assim como uma quantidade significativa de material de uso doméstico.

O mesmo procedimento foi adotado na área circundante ao bangüê, indicando uma parede espessa, com estruturas de colunas e uma estrutura em pedra calcária que parece estar associada a movimentação de água.

A Oficina de Arqueologia realizou, também, prospecções em todas as colunas que suportam a Fábrica do Engenho Paul. O resultado deste trabalho demonstra que o Engenho foi edificado principalmente com alvenaria de pedra calcária e argamassa de areia, cal e argila. Observou-se, excepcionalmente em uma coluna, material construtivo misto (pedra calcária complementada por tijolo na parte superior).

A grande quantidade de material arqueológico recuperado das escavações encontra-se acondicionados em sacos plásticos contendo todos os seus dados e guardados em armários de ferro. Todo o acervo contém fichas descritivas com informações de sua origem (setor, área, quadrícula, poço-teste, trincheira, profundidade), levantadas durante os trabalhos de prospecção/escavação.

Com a conclusão das pesquisas foram coletados, pela Oficina de Arqueologia, 8500 artefatos.

Em função de uma quantidade significativa de faiança policrômica / monocrômica e cerâmica neobrasileira não poder ser remontada em Laboratório, a Oficina de Arqueologia investiu na reconstituição gráfica virtual das peças, através do software 3D Studio Max.

Em meio às evidências estudadas, a faiança inglesa coletada de uma área de despejo de lixo (situada numa área de 7,40m x 2,10m no fundo do Bangüê) estabelece-se como elemento determinante do conjunto de artefatos arqueológicos. Este grupo de faiança (em padrões Azul Borrão, Willow, Geométrico, Floral Policrômico, Blue/Green Edged) identificado como do século XIX, através das marcas detectadas na base dos objetos (J & G

Meaking, Ironstone China, W. Adams & Sons) e pelo seu padrão decorativo recorrente, totaliza 41,61% dos artefatos recuperados.

## **ASPECTOS CONSTRUTIVOS / PROSPECÇÕES ARQUEOLÓGICAS**

Analisando o aspecto construtivo do espaço a partir das prospecções de parede e de piso realizadas na pesquisa arqueológica, percebe-se que o bangüê foi edificado com uma miscelânea de materiais, isto é, paredes em tijolos maciços e adobe; pisos em tijoleira (1º momento), pedra calcária (2º momento) e cimento (estágio encontrado no início dos trabalhos); colunas de pedra calcária e telhas de barro cozido (com alguns fragmentos recuperados nas escavações).

Conforme as características arquitetônicas e históricas mais recorrentes percebidas para os engenhos brasileiros, procuraremos enquadrar, a partir dos primeiros registros arqueológicos identificados no bangüê do Engenho Paul, a sua funcionalidade durante o seu processo de produção.

O confronto dessas informações permitirá, em um primeiro momento, delinear a pesquisa em curso, tendo em vista que são parcas as informações bibliográficas referentes à área trabalhada.

## **ANALISANDO OS TIJOLOS**

Considerando que os tijolos representam uma importante fonte de informação quanto aos aspectos construtivos do espaço, estamos buscando um estudo mais consistente quanto a sua análise.

Durante os trabalhos de laboratório, conseguimos identificar 14 tipos diferentes de tijolos com dimensões variadas. No momento estamos sistematizando essas informações, sob a perspectiva de associar a funcionalidade desses tijolos na edificação em estudo (fornalha, chaminé, piso, fogão de chão, dentre outros). As dimensões dessas peças variam da seguinte forma:

**Tipo 1** - 26,5 cm x 13,6cm x 4,4cm

**Tipo 2** - 26,0 cm x 12,5 cm x 5,6 cm

**Tipo 3 - (Tijolo recente)** 23,5 cm x 11,0 cm x 7,0 cm

**Tipo 4** - 26,7cm x 12,7 cm x 5,1 cm

**Tipo 5** - 31 cm x 15,1 cm x 5,0 cm

**Tipo 6** - 24,4 cm x 11,4 cm x 5,9 cm

**Tipo 7** - 26,0 cm x 12,8 cm x 3,9 cm

**Tipo 8** - 28,3 cm x 13,7 cm x 5,0 cm

**Tipo 9 - (Semi-circular)** 23,0 cm x 11,8 cm x 7,0 cm (6 exemplares)

**Tipo 10** - 27,5 cm x 11,0 cm x 6,0 cm

**Tipo 11** - 15,9 cm x 13,0 cm x 6,0 cm

**Tipo 12** - 23,8 cm x 11,2 cm x 6,5 cm

**Tipo 13** - 23,0 cm x 11,0 x 5,5 cm

**Tipo 14** - 24,0 cm x 11,0 cm x 7,0 cm

## **TRABALHANDO AS DIMENSÕES DO ENGENHO PAUL**

A partir de um levantamento bibliográfico sobre os engenhos brasileiros, permitiu-se definir pontos característicos entre unidades de produção de açúcar/rapadura; de cachaça; de farinha e de café, elegendo-se assim, o direcionamento das análises comparativas.

Confrontando as características da tipologia dos engenhos com as ocorrências do Engenho Paul, fica evidente a sua filiação tanto como uma unidade de produção de açúcar/rapadura, bem como também de um engenho de cachaça (aguardente) e, posteriormente de farinha.

O espaço do galpão estudado (bangüê), característico de engenho de açúcar, apresenta uma área adequada, também, para uma destilaria de pequeno porte. O desnível observado no terreno, resultando em pisos mais baixos (superfícies distintas), pode ter funcionado como área de produção da aguardente.

Considerando que a matéria-prima utilizada no processo de preparação da cachaça já estava disponível na unidade de produção do açúcar (borras de melaço e limpaduras do suco de cana-de-açúcar), não descartamos a hipótese da ocorrência de atividades simultâneas no Engenho Paul, caracterizando-o como um engenho misto.

O processo de fabricação da cachaça era simples. Em muitos engenhos colocava-se a garapa num depósito de barro com um pequeno furo na parte inferior, que ficava pingando para outro recipiente sob o 1º depósito. Alguns dias eram necessários para a aguardente ficar purificada e ser considerada de boa qualidade.

Os poucos dados bibliográficos analisados, fazem menção ao Engenho Paul como o maior da cidade de João Pessoa durante o século XIX, apesar da existência de um engenho real (Engenho da Graça) estar situado a uma distância mínima do mesmo.

É possível que esta referência esteja vinculada ao excedente de produção gerado pelo Engenho Paul que, apesar de ser de menor porte (aproximadamente 63 ha) em relação ao Engenho da Graça (392 ha de espaço físico), apresentava maior aspecto lucrativo.

A partir desta assertiva (lucro) e da configuração do Engenho Paul apresentar aspectos propícios para o funcionamento de uma destilaria, reforça-se a nossa hipótese de atividades produtivas concomitantes (açúcar/rapadura e cachaça).

Mesmo com uma forte influência econômico-cultural, muitos dos engenhos de aguardente não resistiram a falta de mão-de-obra, de água e dos altos impostos cobrados, resultando como um dos principais motivos para a decadência desse tipo de engenho e/ou de sua cultura em fins do século XIX e início do século XX.

Apenas com a continuidade das pesquisas arqueológicas no Engenho Paul será possível resgatar informações mais consistentes quanto as suas estruturas arquitetônicas, artefatos arqueológicos, história oral e documentação textual, a fim de proporcionar o seu re (conhecimento), busca e preservação dos referenciais socioeconômicos deste engenho durante o século XIX ou mesmo em período anterior, conforme sugerem as suas estruturas.

## **A CULTURA MATERIAL**

A cultura material encontrada no Engenho Paul vem permitindo o estabelecimento do período de ocupação do local, aspecto que nos permite uma datação relativa do referido engenho. A faiança, conforme já relatado, foi um elemento determinante no conjunto dos artefatos. No referido grupo, uma quantidade significativa de marcas detectadas na base das peças, possibilitam a indicação do seu fabricante e o seu período de produção.

Faianças inglesas como: pratos, pires, tigelas e travessas; garrafas de vinho e de cervejas importadas; frascos de remédios (franceses e americanos); tinteiros; objetos pessoais (moeda em cobre, botões de vestuários; cabo de escova de dente em marfim); ossos; conchas; material de tortura dos escravos, dentre outros artefatos, foram recuperados das escavações.

A faiança identificada é de procedência inglesa do século XIX, indicando esse século como o de ocupação do local. Os demais artefatos encontrados também são compatíveis com esse período, mas o aspecto construtivo pode remeter a épocas mais antigas. Alguns tijolos que formam um piso contínuo numa profundidade de 2,5m, situado na parte final do bangüê (numa área de 7,40 x 2,10), foram coletados e serão datados através do processo de termoluminescência. Apenas com o resultado dessa datação, alguns aspectos quanto à antiguidade do espaço poderão ser elucidados.

Os artefatos arqueológicos coletados das escavações encontram-se acondicionados em sacos plásticos e guardados em armários de ferro. Todo o material contém dados de origem, setor, área, número da quadrícula e profundidade. Desta pesquisa, quantificou-se 8.500 artefatos, sendo:

Faiança Inglesa 41,61%

Conchas 4,42%

Vidros 5,08%

Telhas 4,75%

Cerâmica	15,68%
Ossos	12,82%
Ferro	6,27%
Garrafas inteiras	0,34%
Seixos	0,19%
Fragmentos de garrafa	4,40%
Tijolos completos	0,19%
Botões	0,07%
Material em Grés	0,22%
Fragmentos de piso	0,24%
Outros Materiais	3,72%

No Laboratório, montado no próprio Engenho Paul, as peças foram higienizadas, secadas, classificadas / catalogadas, reconstituídas (quando possível), fotografadas e acondicionadas em sacos plásticos e caixas de arquivo.

## **MUSEU DE ARQUEOLOGIA**

Entendendo que o Patrimônio tem um importante valor social e que pode contribuir, significativamente, para a integração social de indivíduos enquadrados em comunidades em mudança, que enfrentam a ameaça da perda de identidade, está sendo disponibilizada ao público que visitar o Antigo Engenho Paul, uma Exposição Permanente intitulada “**ANTIGO ENGENHO PAUL: ARQUEOLOGIA CONTA 150 ANOS DA SUA HISTÓRIA**”.

No bangüê, restaurado pela Oficina-Escola de João Pessoa, que dará vez às atividades artísticas do Teatro Piollin, as evidências arqueológicas coletadas das escavações realizadas no próprio espaço, estarão dispostas em 05 (cinco) módulos, distribuídos em 06 vitrines e 06 painéis explicativos, com informações que representam a junção das influências européias (inglesa) e africanas nos hábitos sociais de um engenho paraibano do século XIX. O visitante poderá fazer uma viagem ao século XIX, observando:

No primeiro módulo (Vitrines 1 e 2) algumas peças que resgatam os hábitos e costumes sociais dos ocupantes do Engenho Paul durante o século XIX. Faianças inglesas (pratos, pires, xícaras, tigelas), objetos pessoais e de higiene revelam esse cotidiano;

No segundo módulo (Vitrine 3) estão os envases. A parte de vidraria reúne garrafas de vinho, taça de licor, frascos de remédios (elixires, vidros de rícino) e gargalos. A outra categoria é composta de garrafas e tinteiros em grés. As garrafas em grés serviam para guardar cerveja, genebra e água mineral com gás, enquanto os tinteiros comportavam a tinta nanquim. Ainda que se trate de um produto da Revolução Industrial (Inglaterra), muitas

das garrafas em grés apresentam selos americanos (reproduzidas na Carolina do Norte – EUA), durante o século XIX.

No terceiro módulo (Vitrine 4) estão as cerâmicas do tipo neobrasileira (com influências indígenas/africanas e com funcionalidade tanto doméstica quanto produtiva). Parte de um exemplar de fôrma de pão-de-acúcar pode ser observado.

No quarto módulo (Vitrine 5) estão os resquícios da tradição alimentar dos ocupantes do Engenho Paul (mocotós de boi, costelas, vértebras de peixe, conchas e crustáceos revelam esse hábito alimentar);

No quinto módulo (Vitrine 6) estão as evidências do sistema construtivo do Engenho Paul e os objetos de tortura relacionados aos seus escravos. Tijolos com dimensões variadas (inclusive semicirculares), fragmentos de telha e de pedra calcária estão expostos. Quanto aos objetos pertencentes ao suplício dos escravos, estão expostas 02 bolas de ferro que prendiam os seus pés (com pesos individuais de 2,5 Kg), fragmentos de uma gargalheira e outros materiais em ferro. Algumas enxadas utilizadas por esses escravos, nos canaviais do Engenho, complementam esse módulo.

Salientamos que a partir das pesquisas arqueológicas neste Engenho foi possível resgatar informações consistentes quanto as suas estruturas arquitetônicas, artefatos arqueológicos, história oral e documentação textual, a fim de proporcionar o seu re (conhecimento), busca e preservação dos referenciais socioeconômicos desta unidade de produção durante o século XIX ou mesmo em período anterior, conforme sugerem as suas estruturas.

As referidas informações já puderam ser constatadas pelo público pessoense em exposições realizadas durante a IV Mostra Científica do Espaço Cultural de João Pessoa (novembro de 2003) e, também, em um Shopping de grande circulação da mencionada cidade (maio de 2004). Atividades de Educação Patrimonial sobre o Engenho também foram desenvolvidas com os alunos da Escola Piollin (instituição que atualmente ocupa e mantém o espaço) durante as etapas da pesquisa.

Com a conclusão dos trabalhos de restauração, pela Oficina-Escola de João Pessoa, além da implantação de uma Exposição Permanente de Arqueologia no próprio bangüê, foi lançado um Catálogo ilustrativo incluindo todas as etapas da Restauração e das pesquisas arqueológicas no Bangüê do Antigo Engenho (ver ilustração no final do artigo).

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES / RECOMENDAÇÕES**

Com base nos resultados das pesquisas arqueológicas, fica evidente que o prédio em estudo (bangüê do Engenho Paul) sofreu algumas intervenções arquitetônicas ao logo da sua história, provavelmente motivadas pelo desenvolvimento econômico do engenho, gerado por uma demanda comercial.

À medida em que as prospecções arqueológicas foram sendo executadas, observamos que, significativo número de vestígios materiais encontravam-se em camada sob o aterro efetuado para a construção do prédio (bangüê). Esta configuração da estratigrafia arqueológica indica que tais artefatos devem pertencer a um período anterior à construção do mesmo, ou seja, antes de 1856 (data de referência da construção do Engenho Paul).

Com a descoberta de 12 colunas soterradas e um piso contínuo em tijoleira numa área de 7,40m x 2,10m, em uma profundidade de 2,5m, as pesquisas arqueológicas tomaram novo direcionamento e enfoque. Associadas a estas ocorrências, apresenta-se um conjunto de vestígios (cultura material) bastante rico em sua diversidade, trazendo à tona objetos utilizados pelos diferentes segmentos sociais (senhores de engenho, escravos...) da cidade de João Pessoa do século XIX. Com a finalização da primeira etapa dos trabalhos de laboratório (higienização, conservação), o potencial interpretativo das peças pôde ser atestado.

Alguns elementos como o processo de ocupação do engenho, formas de apropriação e interação do espaço pelos grupos, assim como as relações sociais e econômicas que se estabeleceram ao longo da constituição do Engenho Paul (cerca de 150 anos) são algumas das informações que vêm sendo descortinadas pela interpretação dos vestígios arqueológicos.

Entendemos que um trabalho de restauração deve ser criterioso não apenas na recuperação do prédio, mas também na busca da história que o concebeu e utilizou.

Levando em consideração que uma edificação apresenta aportes de informações arquitetônicas que possibilitam a abertura de um leque de dados e questionamentos, necessários aos restauradores e complementares aos vestígios arqueológicos, a identificação dos processos técnicos e de materiais construtivos constitui-se em elementos-chave para a interpretação do espaço estudado.

Sendo assim, entendemos que a manutenção das estruturas remanescentes, do século XIX ou período anterior, funcione como fontes provedoras de informações capazes de gerar dados quanto às estruturas originais do Engenho Paul, como também levantar hipóteses quanto às reformas e adaptações ocorridas no espaço ao longo da sua ocupação.

Com esta visão de trabalho estamos analisando, detalhadamente, todos os dados referentes à tipologia dos pisos, soleiras, fundações, paredes, fornalhas, chaminé e outros elementos, a fim de enriquecer a pesquisa em andamento.

Ao analisarmos a grande quantidade e variedade dos artefatos arqueológicos (8.500 peças), estamos buscando um estudo que contemple o cotidiano do engenho e a sua importância nas relações sociais, econômicas e religiosas da cidade de João Pessoa do século XIX.

Temos a plena consciência de que o espaço restaurado dará vez a implantação de um teatro, porém diante da complexidade de informações históricas levantadas da área trabalhada (bangüê), algumas questões devem ser discutidas mais detalhadamente.

No início das obras de restauração no bangüê do Engenho Paul estava prevista a derrubada de 02 colunas (pilares), em pedra calcária, situadas na área central da fábrica, sob a perspectiva de construção do palco do referido teatro. Em função dos dados que foram levantados nesta pesquisa, sugerimos uma análise mais reflexiva quanto a sua manutenção. As informações arqueológicas apresentadas no decorrer deste trabalho explicam, por si só, a finalidade de assegurar a proteção destas 02 colunas, assim como das 12 colunas que se encontravam soterradas numa profundidade de 2,5m.

Sugerimos que se criem mecanismos de ação capazes de se implantar o Teatro Piollin sem que seja descaracterizado um local que teve a sua contribuição no crescimento econômico da Paraíba do século XIX. Com base no mapeamento das zonas de importância arqueológica, histórica e arquitetônica da fábrica do Engenho Paul, entendemos ser possível a conciliação entre a preservação e o processo dinâmico do espaço (teatro).

Reforçamos que a descaracterização dos vestígios que se conservaram pode gerar a falta de credibilidade dessas informações. Por estas razões supomos estar construindo com esta pesquisa uma forma de preservação do patrimônio. A partir dos dados expostos, esperamos estar contribuindo para a geração de conhecimento científico e o desenvolvimento de novos enfoques de trabalho – conceitos, diretrizes, estratégias, metodologias e instrumentos relacionados à formulação, implementação e avaliação das políticas histórico-culturais da edificação em estudo.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ALMEIDA, A. A. 1994. Brejo paraibano: contribuição para o inventário do patrimônio cultural. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura.

CANTO, A. C. L. 2005. A contribuição da Arqueologia nas Obras de Restauração dos Monumentos do Centro Histórico de João Pessoa / PB. In: XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005, Campo Grande – MS. Anais do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Campo Grande.

CANTO, A. C. L. 2004. Aspectos construtivos e caracterização social do Engenho Paul (PB). Anais da II Semana de Integração Universidade - Sociedade, Recife, p. 97-109.

CANTO, A. C. L.; SALES, L. ; LIMA, E. ; BARRETO, A. 2004 . Proposta de Aproveitamento Turístico para o Antigo Engenho Paul - PB. Anais do XIV ENNEHTUR, São Luís / Maranhão.

CANTO, A. C. L. 2003. Pesquisas Arqueológicas na Escola Piollin Revelam a História do Engenho Paul. Jornal Negra Voz, João Pessoa / PB. P. 12.

CANTO, A.C.L. 2003. Resultados Preliminares das Pesquisas Arqueológicas no Engenho Paul. Relatório de Atividades / IPHAN/DF. 50p.



Capa do Catálogo publicado em Agosto de 2005, financiado pelo Programa FIC Augusto dos Anjos (Governo do Estado da Paraíba).

A foto superior apresenta o Antigo Engenho Paul após processo de Restauração.  
A foto inferior apresenta o aspecto do Bangüê antes das obras de restauração.

**Obs.** As imagens fazem parte do Acervo Fotográfico da Oficina-Escola de João Pessoa.

**RESUMO:** As inexpressivas fontes históricas referentes ao Engenho Paul relatam que o referido espaço funcionou como um importante exemplar da vida social paraibana durante o século XIX. A partir da recuperação de vestígios arqueológicos, documentais, dos remanescentes arquitetônicos e de relatos orais, temos levantado informações que permitem dar um primeiro encaminhamento às discussões históricas mais abrangentes sobre o Engenho.

**Palavras-Chave:** Arqueologia Histórica; Restauração; Educação Patrimonial.

**ABSTRACT:** The unexpressive historical sources related to “Engenho Paul” report that the above-mentioned space has acted as a “Paraiban” social life important model during XIX th century. From the archaeological documental remains and architetonics remandens, as well as from oral tales, we have gathered up informations that allow giving a first step to ampler historical discussions about the related “Engenho” (sugar mill).

**Keywords:** Historic Archaeology; Restoration; Patrimonial Education.